

“EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES” Entrevista – Gláucio José Marafon

PET Geografia
Universidade Federal de Uberlândia

Revista OBSERVATORIUM (R.O): Na sua formação acadêmica você passou por várias universidades brasileiras, conte-nos sobre essa experiência de conhecer e trabalhar em várias escolas de Geografia no Brasil.

Gláucio Marafon (GM): Eu acho que, como profissional de Geografia é importante a gente não se restringir a uma única escola. Eu fiz minha graduação em Passo Fundo no Rio Grande do Sul, meu mestrado na UNESP em Rio Claro, o doutorado no Rio de Janeiro e o Pós doutorado aqui em Uberlândia, então, eu acho que é importante você ter contato com várias linhas de pensamento, com várias metodologias, isso contribui para você ampliar sua visão sobre a Geografia que é feita no Brasil, então eu sempre recomendo aos meus alunos que se eles fazem a graduação em um lugar, necessariamente eles tem que fazer o mestrado e doutorado em outros lugares, para você ter contatos com outros professores, com outras linhas de pensamento, portanto essa procura está um pouco no sangue do geógrafo, de você conhecer vários lugares, isso é importante também pra formação profissional e acadêmica do geógrafo, essa experiência te ajuda a somar, a buscar e lançar um olhar sobre as suas pesquisas nos lugares aonde você vai. Quando eu cheguei ao Rio de Janeiro isso me fez aprofundar, ampliar um pouco a sistematizar os estudos sobre a Geografia do estado do Rio de Janeiro, então isso permitiu que eu avançasse algumas coisas. Eu não vejo que as pessoas que moram no estado do Rio de Janeiro, acabam não aprofundando e não refletindo sobre essas questões, então é importante você chegar com o olhar de fora, com outras experiências, outros contatos, e aí você consegue olhar e ter uma reflexão sobre determinados temas.

R.O: Como o Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense (NEGEF) contribui para pensar a geografia fluminense, e quais são os temas predominantes e metodologias das pesquisas desenvolvidas?

GM: Engatando na questão anterior, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro, não existiam estudos sistematizados sobre o estado do Rio de Janeiro, por que é engraçado que no Rio de Janeiro as pessoas estudam a cidade do Rio de Janeiro (a metrópole), mas não olham para o estado. Na nossa caminhada, por um desafio pra estudar o espaço rural, nós começamos a sistematizar e a pesquisar sobre o estado, sobre o território fluminense, e isso levou a um acúmulo de trabalho de orientações de graduação, de mestrado, agora de doutorado e acabou que o NEGEF ficou meio como referência para os estudos da Geografia fluminense. Nós temos várias publicações hoje sobre o estado do Rio de Janeiro, e aí por uma característica mesmo, minha de olhar e de querer fazer trabalho de campo, nós visitamos todos os municípios do interior fluminense, claro que o Rio de Janeiro tem noventa e dois municípios, não dá pra fazer em Minas com oitocentos e tantos municípios. E esse processo de ir com os orientandos para o campo nos possibilitou a sistematizar um banco de dados sobre o estado do Rio de Janeiro e sobre várias ações que estavam em curso no território fluminense. Isso

permitiu com que nós pensássemos algumas coisas e aí despontasse a nossa metodologia de trabalho que está baseada muito em cima do trabalho de campo. Quando o aluno ingressa no NEGEF, ele escolhe o tema que ele vai trabalhar, o recorte é dado pelo estado do Rio de Janeiro (o único recorte que a gente pede pra ser respeitado é que seja sobre o território fluminense), então ele pode estudar o turismo, pode estudar a agricultura, pode estudar o ambiente fluminense, e nesse sentido foi se construindo uma temática geral e isso desembocou em alguns estudos que ficaram como referência, como o mapa turístico do estado do Rio de Janeiro que nós fizemos em parceria com a ALERJ e discutido com todos os representantes do setor de turismo, mas esse mapa, ele só foi possível por uma caminhada no interior no sentido de pesquisas acumuladas. O NEGEF aparece hoje como um ponto importante na contribuição para a Geografia fluminense, a gente tem uma sistemática de trabalho de reuniões semanais com discussões de textos metodológicos, de textos de Geografia Agrária e que nos permite então, a partir da reflexão ir pra campo, trazer as informações obtidas, e a partir daí ter uma reflexão e expressar os resultados sobre os olhares que a gente tem sobre a Geografia fluminense.

R.O: Sendo o Rio de Janeiro um estado com o maior índice de urbanização do Brasil, comente como é incorporada e trabalhada a visão do mundo rural na Geografia fluminense?

GM: Hoje a gente tem avançado junto com o professor João Rua em duas direções, uma que nós estamos trabalhando com os eixos de urbanização com maior intensidade de urbanização, mas também com a ideia que a professora Sandra Lencione tem trazido com o espaço da metropolização. Estes dois aportes teóricos, nos permite estudar hoje o estado do Rio de Janeiro, entendendo como que uma metrópole que concentra 70% da população do estado (que é altamente concentrado), como que ela se relaciona com o interior, e como que esse espaço metropolitano ele se reflete no território fluminense, e aí, isso se dá através de alguns eixos de urbanização com maior densidade, aonde essa ideologia do urbano se faz mais presente, então só pra dar um exemplo para vocês, eu posso pegar um eixo em direção a região dos lagos até Búzios, aonde você tem uma atividade de turismo muito intensa, aonde você tem a desterritorialização das atividades agropecuárias, priorizando o preço das terras, e que isso passa a ser incorporado pela especulação imobiliária tornando-se casas de segunda residência, hotéis, pousadas, enfim, atividades direcionadas ao turismo, só que esse território passa a ser incorporado, porque as pessoas quando elas vão pro seu lazer, elas querem aquelas opções que elas tem na cidade, então toda essa ideologia do urbano passa a se fazer presente nesses eixos de urbanização, então a presença da metrópole carioca é muito grande no território fluminense, e aí a gente estuda hoje através desses eixos de maior densidade urbana e através então desse espaço da metropolização.

R.O: Na sua avaliação como se dá a relação campo-cidade na sociedade contemporânea, e quais seus reflexos na transformação do território?

GM: Eu acho que hoje essa relação campo/cidade, urbano/rural ela é complementar, eu acho que nós passamos de uma ideia de oposição dicotômica dos anos 60, durante os anos 70 e 80 a Geografia se ausentou do debate, e a partir do final dos anos 90 a Geografia vem se debruçando e pensando um pouco essa relação. Eu tenho uma perspectiva de estudar, primeiro

qualificar o que é o espaço rural hoje, o que se entende por esse espaço rural, essas novas ruralidades que a sociologia tem tratado como novas ruralidades e como você pode estabelecer essa relação de complementaridade entre campo e cidade. Hoje eu penso essa relação a partir desse espaço rural, como que ela se dá em relação ao espaço urbano, mas que em última análise é o espaço geográfico, então eu acho que aí o Milton Santos nos ajuda muito com a questão da discussão do espaço geográfico e aí volta a questão dos eixos de urbanização, o espaço da metropolização e essa complementaridade que se estabelece entre esses dois espaços, então nesse sentido eu acho que a Geografia precisa avançar, nós hoje denominamos esse espaço rural como complexo na falta de uma qualificação melhor, e a reflexão me parece ter que ser nesse ponto, avançar para qualificar esse espaço rural entendendo suas relações de complementaridade com o urbano.

R.O: Como membro da comissão de avaliação da CAPES, qual sua análise sobre a atual conjuntura da Pós-Graduação em Geografia no Brasil, e quais seus maiores desafios?

GM: Eu acho que a área da Geografia ela tem avançado bastante, nós temos hoje 50 programas de pós-graduação no Brasil, recentemente foram aprovados mais 5 doutorados no Brasil: Santa Maria, Ponta Grossa, Dourados, Natal e João Pessoa, isso significa que estamos com uma política de descentralização, principalmente em relação a região sudeste, interiorizando um pouco mais a formação de recursos humanos. A área está avançando, mas eu acho que ela tem que avançar mais no sentido dos programas avançarem e ter uma nota e um ranqueamento melhor dentro dos critérios da CAPES, pois hoje temos um grupo muito grande de programas nota 3 e 4. Então, a base da pirâmide da Geografia na pós graduação ela tá concentrada nos programas 3 e 4, e a gente percebe que a área está avançando, tem que avançar e os programas tem que evoluir, subir as notas, isso significa maiores recursos, maior processo de internacionalização dos programas, e a área está avançando, está crescendo e em todos os estados brasileiros, eu acho que a meta é abrir programas de pós graduação, nós temos alguns estados no Brasil que ainda não tem programa de pós graduação *stricto sensu*, como Alagoas, Acre, Maranhão, Amapá, são esses quatro estados que ainda não possuem programas. Então, eu acho que a área tem que avançar e estimular, eu vejo como desafio é justamente os programas se consolidarem as notas 3 e 4, avançarem e abrir o maior numero possível de doutorados no Brasil, então com isso, você qualifica mais os profissionais de Geografia e a própria área avança com essa qualificação.